

# DOPAGEM - ATLETA DOPADO

Dr. Guilherme S. Gomes Jr.  
Professor da ENEF

A palavra «dopen» quer dizer em holandês «batizar-mergir» e foi empregada pela primeira vez no sentido de «dopagem», em Amsterdam, por volta do ano de 1865, por ocasião da construção do Canal do Norte, que liga Amsterdã ao mar.

Alguns construtores fluviais daquele tempo davam aos seus operários de construção naval uma certa «droga», com o fim de nêles produzir maior resistência e com ela conseguiam maior permanência n'água e um rendimento melhor daqueles que recebiam a citada «droga».

Dado o hábito do referido produto e a sua ação no organismo, «tornando a permanência dos operários n'água por um tempo maior», dando, por conseguinte, melhor rendimento, passou a ser usada por quase todos aqueles obreiros.

A expressão «onder dopen» usada para pedir ou oferecer a referida droga, traduzimos para «submergir ou imergir». (DE KLEINE W. P. Enciclopédia Amsterdam).

Encontramos essa expressão com o mesmo significado e escrita sob várias formas: dooping — doping — doopen — dôpe — dopin. Significada, para nós, como «dopagem» ou «dopado».

Muito se tem falado da sua origem e etimologia. Dizem até que é uma palavra procedente de um idioma de negros e que é originária de uma «planta exótica» (Dr. Knoll).

Outros autores sustentam que é uma palavra tirada da gíria dos jóqueis franceses, usada mais ou menos em 1870 e significa «estimulação» ilícita dos cavalos, durante as corridas (Dr. Demoié Lausanne).

Sabemos, também, que a palavra «to dope» apareceu nos periódicos americanos por volta de 1880 com o significado do «líquido espesso utilizado para facilitar o desliz sobre a neve de maior resistência». A DERNEUE BROCKLOU, de Leipzig, 1938, afirma que «doping» é uma palavra inglesa da terminologia hípica e designa a ação de ministrar fraudulentamente, um excitante aos cavalos de corrida, com o fim de proporcionar-lhes vivacidade e agilidade fictícias», e DERGROSSO HERDER, também alemão, descreve o «doping» como sendo o «uso de remédios para estimular, antes ou durante as atividades físicas, com o fim de aumentar a vitalidade corporal». Já os ingleses dizem que essa palavra e a sua utilização foram empregadas em 1889, dando, isto sim, uma significação mais precisa: «Mistura de Ópio e de narcóticos administrados aos cavalos». Mais tarde ela indicava, «o emprêgo ilegal de drogas estimulantes nas corridas». (English Dictionary de Murayet Shoter-Oxford).

Creio que trouxemos uma contribuição esclarecedora e documentada da origem e etimologia da palavra «dopen» que foi empregada pela primeira vez, na Holanda, em 1865, e não na França, nem na Inglaterra; e muito menos é originário de um idioma de negros e nem representa uma «planta exótica» e sim uma «droga» usada para estimular o trabalho dos operários na construção dos diques de Amsterdã e não na competição dos cavalos, nem mesmo dos desportistas, como muitos pensam até hoje. Seu emprêgo deve ser conhecido entre nós como: dopagem e dopado.

A dopagem consiste no uso de substâncias nocivas ao organismo, que, entretanto, oferece momentaneamente, uma condição de bem-estar e capacidade de rendimento neuromuscular, ultrapassando, ficticiamente, o limiar fisiológico de tais possibilidades.

A dopagem é de todo modo inadmissível e moralmente repudiante, devendo ser proscrita nos treinamentos desportivos e nas competições atléticas.

Competir é a arte de concorrer com outro numa mesma pretensão e nas mesmas condições de treinamento.

Dopar é apresentar-se de forma incorreta, é o emprêgo de drogas para estimular, antes ou durante as atividades

físicas, com o fim de aumentar a atividade corporal. É o uso de estimulantes para homens ou animais, a fim de melhorar o bom desempenho nas atividades fisiológicas dos atletas ou nas corridas de cavalos.

O Código de Corridas, pelo Serviço de Repressão ao «Doping», nos dá a dopagem como a «aplicação de qualquer substância que dê ao animal, transitóriamente, capacidade maior do que a sua capacidade locomotora».

Alguns autores consideram dopagem «todo o uso de analgésicos e cardiotônicos», portanto, é preciso determinar a quantidade de estimulante que chegue a ser dopagem.

De início precisamos definir, demarcar ou dar «estatuto» de linha divisória do que seja dopagem ou um elemento dopado.

Existe, porém, uma linha muito tênue sobre o que é e o que não é estimulante.

O Dr. Roger Bouister escreveu: «que se dê a um cavalo açúcar ou mesmo uma espécie de tônico medicinal antes da corrida e tudo estará bem. Mas, uma pitada de qualquer outra coisa» no açúcar, no tônico medicinal e o treinador pode ser expulso do turfe pelo resto de sua vida. Tudo é uma questão de grau.

Poder-se-ia dizer o mesmo dos seres humanos. Não há nada de mal em deixar que os jogadores de futebol chupem limões ou laranjas no primeiro intervalo para o segundo tempo de uma partida.

Também não há nada de grave em dar-lhes torrões de açúcar contendo sal ou biscoitos salgados ou mesmo um pouco de licor no intervalo. Mas ponha «qualquer coisa» na bebida e ela tornar-se-á uma droga.

É preciso, portanto, definir com firmeza o que é dopagem, dando com segurança o conceito de dopado.

Também consideramos «dopado» o atleta que usa, nos casos de entorse, distensão ou luxação, o Leriche (injeção de novocaína ou outro anestésico líquido) aplicado nas partes lesadas, com a intenção de se secionar a dor, fazê-lo continuar a partida.

Este é o processo usado, comumente e sem a menor reserva, entre os nossos atletas, que vem prejudicar sobremaneira, «a posteriori», o aparelho locomotor dos mesmos causando um maior relaxamento dos ligamentos articulares, hematomas, artrites, comprometendo o periosteó e até mesmo trazendo maiores conseqüências, impossibilitando o atleta durante um grande período de inatividade, e o que é mais lamentável, em muitos casos, afastando-o definitivamente das lides desportivas.

A Medicina desportiva nos ensina a prolongar e melhorar a capacidade física e técnica de um atleta, não trazendo, porém, prejuízo algum para a máquina humana. O atleta «dopado» esconde sua capacidade. O coração é forçado e podem aparecer lesões irreparáveis.

Certos corredores de fundo levam consigo uma ampola de «nitrito de amilo» que fazem estourar discretamente, no fim da corrida, bem próximo das vias respiratórias do seu adversário melhor colocado, agindo assim deslealmente para com um companheiro de equipe, possível vencedor da prova.

Em alguns países de clima frio, obtém-se melhores rendimentos por meio de irradiação com «lâmpadas de quartzo», que substituem a falta dos raios solares.

Este método é usado nas cavalariças para estimular os animais.

Contou-nos o Dr. Protásio Pereira, professor do Hospital de Veterinária, que são tão habilidosos certos dopadores que vão ao extremo de confeccionar um aparelho engenhoso para ser utilizado no decorrer da carreira.

El-lo conforme o vimos: — Trata-se de uma seringa de borracha, pequena, destas utilizadas nas lavagens de ouvido; após cortar o bico, adaptam ao corpo da seringa uma agulha pontecuda e fina ajustada por um fio de arame torcido. Quando o jóquei vai montar o cavalo, já leva esta seringa contendo o medicamento excitante, o «DOPING», geralmente DRINALFA; — é aplicado na região do pescoço, quando, no alinhamento da fita, êle se debruça sobre o cavalo para dar a partida; sendo êste medicamento de efeito imediato, excitará o cavalo no trajeto da carreira.

Não é só por «DROGA» que se «dopa» um elemento.

Certos jóqueis usam processos mecânicos de estimulação isto é, colocam pilhas apropriadas nas selas de seus cavalos, com o fim de estimulá-los durante a corrida.

Como êsses, poderíamos citar dezenas de outros processos químicos ou mecânicos que são usados para dopar os nossos atletas ou mesmo animais de corrida; se não o fazemos é para não despertarmos entre certos «treinadores» ou «técnicos», a sua ação desleal.

Aquêle que indica o «Doping» não é desportista, e se é médico, falta com o seu dever.

Entre os desportistas, o elemento dopado nunca anda só. Ele procura fazer uma turma, influi seus camaradas, atrai os caracteres fracos e vaidosos.

O jornalista Vinicius Lima, em uma das suas reportagens no Globo, sobre Maconha, nos fala de um clube de futebol do norte, que nunca perdeu um jogo; isto porque, «dopava», quase todos os jogadores. O «técnico» mandava os atletas fumar um cigarro de maconha antes de entrar em campo e aos vinte minutos finais, êle distribuía a certos atletas, algumas garrafas, que todos pensavam levar água, no entanto, aquilo era fumaça de maconha que os jogadores chupavam na boca da garrafa.

Os futebolistas corriam muito durante 90 minutos. E, conclui o articulista: «O diabo é que o jogador depois de um ano não dá mais nada, mas que perde o nervo, lá isto perde; se ganha a partida, isso é o que interessa...»

Este final me faz lembrar quando interrogado por um colega: até quando dura um elemento dopado?

— Talvez não chegue ao fim da partida.

É bom lembrar-nos de um método físico-químico para identificação do elemento dopado que tem sido empregado nos mais variados setores de atividade do homem atual: a Cromatografia.

É uma técnica usada universalmente para isolar e caracterizar substâncias.

Presta muitos e importantes serviços a todos os laboratórios onde se exerce a Química Analítica e a Bioquímica.

A cromatografia é um processo empregado, sempre com o objetivo de determinar certas substâncias, e se são ou não consideradas «Doping» de acôrdo com os códigos existentes ou regulamentos sobre Dopagem.

O Professor Carlos Chagas Filho, numa conferência, pronunciada em 1954, sobre trabalhos realizados no Instituto de Biofísica, acerca da importância de estimulantes e entorpecentes nos cavalos de corridas, dissertou a respeito do método chamado «Cromatografia do papel» e afirma:

«De todas as substâncias que lhes foram fornecidas — Aminas, Alcalóides, nenhuma houve que nos enganasse na cromatografia.

Esse método é de tal vantagem e simplicidade que pode ser utilizado, a meu ver, com maior eficiência». E conclui o eminente cientista: «O resultado é muito seguro».

Vimos então que por êsse mesmo método podemos diagnosticar em um caso de dúvida se o atleta está ou não dopado. Sabemos, porém, que o uso de corantes na reação mascara o resultado. O Instituto Médico Legal emprega-o no serviço de Toxicologia.

A «Revista Veterinária do Turfe» nos diz: «Todo atleta necessita de estimulante, mas o que ocorre no Turfe, é que são os próprios tratadores e proprietários que geralmente prescrevem suas fórmulas. Volta e meia, deparamos nos jornais com o dopador indicado ou descoberto pela cromatografia. O que é necessário que se compreenda no Turfe, é que o preparo de um cavalo deve ter o mesmo preparo de um atleta. Sabemos que certos produtos farmacêuticos, certas drogas, quando aplicadas em doses moderadas, agem como estimulantes. Deixam de ser estimulantes, para serem excitantes, e, portanto, poderão afetar a saúde do cavalo».

A administração de um medicamento excitante, acelerador (Doping), de nada adiantaria, se praticado em um organismo com tonsus musculares deficientes, ou com lesões orgânicas e funcionais. Ahamos admissível, dentro da biologia médica, o emprêgo de certos estimulantes no cavalo ou no atleta, desde que sejam dosados e aplicados por médicos, dentro, portanto, de um senso realmente científico.

Depois de falarmos sobre tão discutido problema, só nos resta então sugerir aos senhores congressistas aqui reunidos um regulamento ou normas para a repressão ao elemento dopado que enfeixe todos os processos, mecânicos, químicos e físicos, que sirvam para dopar o atleta, colocando-o na competição em posição privilegiada com o seu antagonista ou, ainda, trazendo complicações à sua vida funcional, quando não inutiliza para a prática dos desportos, tornando-o um homem inútil à sociedade, o que é antagônico à finalidade dos desportos.

Lemos, na Europa, mesmo em vários países, regulamentações sobre o assunto, para certos desportos, como por exemplo, podemos citar o «Regulamento Internacional para provas de esgrima», que contém parágrafos precisos que cremos de utilidade reproduzir em alguns de seus tópicos.

«Art 4º — Todo o «doping» de um esgrimista no curso ou antes de uma prova será radicalmente proibido. O «doping» é o emprêgo de todo estimulante anormal com o fito de elevar o rendimento atlético de um concorrente acima do normal.

Os preparados que fazem parte do «doping» e os que são um reconstituente normal serão determinados por uma comissão médica.

Todo o esgrimista que agir cientemente nesse sentido, ou der conscientemente sua ajuda para isso, será imediatamente excluído do torneio, sem prejuízo de outra punição posterior».

Vimos, então, um dos vários Regulamentos Internacionais de repressão ao elemento dopado.

Nós, médicos Pan-Americanos, precisamos, e daqui sugerimos também, às nossas autoridades esportivas, que se faça em benefício dos nossos desportistas, uma regulamentação de repressão ao elemento dopado, não só para classificarmos as substâncias e a quantidade das mesmas, mas, também, para sabermos quais os processos que são ou não proibidos — licitos, tolerados e ilícitos. O que é e o que não é um estimulante; em que quantidade ultrapassa o limite do estímulo, convertendo-se em dopagem. O uso de oxigênio, por exemplo, é uma dopagem? Quando e como?

Ninguém melhor do que os senhores médicos especializados em desportos, reunidos neste Conclave, para regulamentar, definindo, demarcando ou dando um «statu-quo» de linha divisória do que seja dopagem ou elemento dopado.

Isto pôsto, sugerimos que em todos os países aqui representados pelos seus esclarecidos Delegados, se constitua uma comissão de repressão a essas irregularidades; composta de técnicos, médicos, treinadores e, principalmente, dos nossos dirigentes, para esclarecer ou aconselhar, cientificamente, aos nossos desportistas.

Sabemos hoje — e êles também o sabem — que todo e qualquer rendimento é tanto melhor quanto maior fôr o mesmo com o número relativo de componentes especializados. É o mundialmente conhecido e aceito trabalho de equipe.

O ATLETA BOM é o resultado proveniente de uma unidade triforme: científica, técnica e administrativa. Estes aspectos são independentes e se completam. Nenhum pode prescindir dos outros, sob pena de nunca fazermos escolas ou mesmo de ficarmos com um ATLETA MAU quando não chegarmos logo a perdê-lo ou ainda desagregando a ascensão fisiológica e aprimorada da sua performance.

Talvez seja êsse o «segredo» porque certos atletas quando jovens são verdadeiras revelações e nada o são, quando adultos; ou mesmo, seja explicada a razão da queda brusca de muitos ídolos do nosso desporto a não observância dessa unidade triforme: CIENTÍFICA, TÉCNICA E ADMINISTRATIVA.

NOTA: Trabalho apresentado no tema 1º do IV Congresso Pan-Americano de Medicina Desportiva, realizado em São Paulo — Brasil.

## «CURIOSIDADES»

- O estilo «CRAWL» originou-se da observação da maneira de nadar de certos selvícolas do Pacífico.
- A palavra «CRAWL» significa «RASTEJAR DOS RÉPTEIS».
- O primeiro nadador a percorrer 100 metros em menos de um minuto em uma Olimpíada foi JOHN WEISMULLER (o conhecido «TARZAN»), bi-campeão olímpico (1924 e 1928) com os tempos de 59 segundos e 58,6 segundos.
- O nadador americano, natural do Havai, bi-campeão olímpico de 100m, nado livre, (1912 e 1920) respirava apenas duas ou três vezes em cada 100 metros.
- Ao contrário do estilo PEITO CLÁSSICO, o trabalho de braços do estilo «CRAWL» coopera com maior percentagem para a propulsão (75 a 90%) do que o trabalho de pernas.
- As estatísticas indicam que cerca de 65% dos nadadores iniciam a aprendizagem pelo estilo «CRAWL», contudo, grande número de nadadores encontra mais facilidade em aprender a nadar de costas por causa da facilidade de respiração.
- Foi GERTRUDES EDERLE, americana famosa como nadadora de velocidade, quem provou a superioridade do nado de CRAWL nas grandes distâncias, quando em 1926, empregando este nado, bateu por grande margem o Record da TRAVESSIA DA MANCHA.
- Na OLÍMPIADA DE BERLIM, o campeão dos 1500 metros nado livre foi o japonês NABORU TERADA.
- Na OLÍMPIADA DE BERLIM, a nadadora brasileira PIEDADE COUTINHO, conseguiu um notável 5º lugar nos 400 metros, nado livre com 5min 35,2s.
- Os RECORDS MUNDIAIS em 1936 dos 100m eram:  
Nado livre — 56,4s — PETER FICK — U.S.A. — Piscina de 25 metros  
Nado de Peito — 1min 10s — J. HIGGINS — U.S.A. — Piscina de 25 metros  
Nado de Costas — 1min 4,8s — A. KIEFER — U.S.A. — Piscina de 25 metros.
- Na OLÍMPIADA DE BERLIM, o vencedor da prova de 100 metros Nado Livre foi o Húngaro CSIK, com o tempo de 57,6s, passando com 25,8s nos 50 metros.
- Nunca se deve demorar dentro d'água até que a pele fique arrepiada ou até que a boca e os dedos fiquem azulados, isto são provas evidentes de que o corpo perdeu calor demais.
- Quem sabe nadar tem em si o melhor seguro de vida e certamente valerá duas pessoas num acidente, a sua própria e a de quem o salvaria se não soubesse nadar.
- É sabido que os indígenas sabem nadar, e no entanto, estão fora da civilização. Entretanto são muitos os civilizados que não sabem nadar. Se o grau de civilização de um povo se pode medir pelas suas adiantadas condições de Higiene, a Natação pode contribuir para valorizar os povos porque é um esporte eminentemente Higiênico.
- A piscina Olímpica do Clube TUNA LUSA COMERCIAL DE BELÉM DO PARÁ é considerada a mais própria do País para a obtenção de records.
- O homem mais veloz em terra percorre 10 metros por segundo enquanto o mais veloz na água que é o brasileiro MANOEL DOS SANTOS, percorre em um segundo, cerca de 1,86 metros.